

Globethics Repository



A busca do feminino sem a maternidade [The search for the feminine without motherhood]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Zanoni, Anelise
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-10 13:50:39
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160006

“A mãe indígena controla o processamento de alimentos, que se realiza no fogo culinário”

meçam desde que a mulher engravida e envolvem regras alimentares e comportamentais que devem ser observadas pela mãe e pelo pai da futura criança. Quando a criança nasce continua a necessidade de observar esses cuidados, que vão se afrouxando à medida que ela cresce. Mais uma vez, vale mencionar que os cuidados são mais observados no caso de casais com maior estabilidade conjugal e que estão mais bem integrados na parentela. A observação de tais cuidados está intimamente relacionada com as expectativas sociais que se projetam para a criança, instaurando processos de diferenciação social desde a primeira infância.

IHU On-Line - Quais são os maiores desafios de uma mulher indígena que é mãe?

Levi Marques Pereira - No caso dos kaiojá parece ser a dificuldade de inserir sua família nuclear em uma parentela com grau mínimo de coesão, dado a enorme fragmentação a que as parentelas estiveram sujeitas com o processo de perda do território. Isto levou ao aumento das separações dos casais e a dispersão das crianças, adotadas por parentes que também muitas vezes não conseguem atender às necessidades básicas das crianças e proporcionar os cuidados rituais para o desenvolvimento satisfatório.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Levi Marques Pereira - Dada as difíceis condições históricas enfrentadas pela maior parte das sociedades indígenas, é possível dizer que as mães têm sido o principal sustentáculo dessas sociedades. São elas as principais responsáveis pela reprodução cultural, ensinando a língua e uma série de procedimentos culturais para as crianças, além de estarem presentes no dia a dia, oferecendo carinho e proteção.

A busca do feminino sem a maternidade

A historiadora Tânia Navarro-Swain acredita que a força das representações sociais incute nas mulheres a compulsão à maternidade e ao casamento como definição do feminino

POR ANELISE ZANONI

Com a chegada da revolução sexual feminina, principalmente com o lançamento da pílula anticoncepcional, começaram as grandes transformações nos cenários até então desenhados para as mulheres. O medicamento, mais seguro que os demais métodos existentes, permitiu a decisão sobre o próprio corpo. Entretanto, para a historiadora Tania Navarro-Swain algumas regras seguiram semelhantes: “o Estado, a medicina e a religião continuam a lutar por suas prerrogativas masculinas de decidir sobre os corpos das mulheres. A sociedade cobra das mulheres a reprodução e as que não têm uma consciência feminista sentem-se inferiorizadas, excluídas dos laços sociais”, afirma.

Em entrevista por e-mail para a **IHU On-Line**, a pesquisadora feminista considera que a maternidade é parte das possibilidades de uma mulher, não uma obrigação ou um elemento constitutivo como ser humano.

“Uma vez que as mulheres se desfaçam da obrigação incontornável de casar e ter filhos, como essência de ser-no-mundo, elas passam a decidir de seus afetos e de seus engajamentos”, diz. Além disso, para ela, a força das representações sociais que incute nas mulheres a compulsão à maternidade e ao casamento como definição do feminino é forte demais para que as estruturas familiares tradicionais sejam completamente rompidas e substituídas.

Pós-doutora em estudos femininos pela Universidade de Québec, no Canadá, e em história na Universidade de Montreal, no mesmo país, Tânia Navarro-Swain é professora da Universidade de Brasília - UnB e atua nas áreas de epistemologia feminista, sexualidade, gênero, história das mulheres, teoria e metodologia da história. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos compreender os impactos da pílula anticoncepcional na liberação sexual das mulheres e, como consequência, na construção de uma mãe moderna?
Tânia Navarro-Swain - A pílula anticoncepcional foi um instrumento para que as mulheres se reapropriassem de seus corpos. De fato, na modernidade, as mulheres têm sido vinculadas a seus aparelhos

genitais na definição do feminino. Desprovidas de razão, seu destino era o biológico, procriar e servir no domínio do privado, no âmbito do doméstico. A gravidez sucessiva é uma prática patriarcal para manter as mulheres fora do espaço público, um meio de mantê-las sob seu controle e determinar os limites de sua atuação. Neste sentido, a pílula permite às mulheres recuperar seus corpos sem renunciar à sexu-

alidade ou sem sofrer as consequências do poder social conferido aos homens de exigir relações sexuais a seu bel prazer, com consentimento ou sem ele. Assim, este mesmo instrumento, mais seguro que outros existentes, permite que as mulheres decidam quando e se querem engravidar, quando e se querem ter e criar filhos. Mas se nos países ocidentais existe esta possibilidade, em muitíssimos países as mulheres só existem em função da reprodução e de preferência de meninos, como na China, na Índia e nos países muçulmanos. De toda maneira, o acirramento patriarcal para impedir o aborto quando de uma gravidez indesejada - a pílula falhou ou não foi tomada - é a prova concreta de que a posse e o controle dos corpos das mulheres devem ficar em mãos masculinas. O Estado, a medicina e a religião continuam a lutar por suas prerrogativas masculinas de decidir sobre os corpos das mulheres.

IHU On-Line - Para algumas mulheres ser mãe ainda é uma obrigação social. Como você avalia esse pensamento?

Tânia Navarro-Swain - Como as mulheres foram definidas em relação à procriação, aquelas que não têm uma prole sentem-se fora do modelo da “verdadeira mulher”, esposa, mãe. Neste sentido, a sociedade cobra das mulheres a reprodução e as que não têm uma consciência feminista sentem-se inferiorizadas, excluídas dos laços sociais. Como feminista, considero que a maternidade é parte das possibilidades de uma mulher, não uma obrigação, nem um elemento constitutivo como ser humano.

IHU On-Line - Muitos pesquisadores afirmam que a falta de limites e a educação transgressora das crianças têm a ver com esse novo papel dos pais. Qual sua avaliação?

Tânia Navarro-Swain - Não vejo nenhum novo papel do pai. Ao contrário. Os pais, em grande número, estão ausentes da educação ou têm uma figura de punição e violência. Dos trabalhos domésticos, recusam-se a participar e dão um exemplo

“A força das representações sociais que incute nas mulheres a compulsão à maternidade e casamento como definição do feminino”

pernicioso aos meninos das famílias de uma divisão de trabalho desigual. Perpetuam assim, em casa, a hierarquia e a importância dada ao masculino. Se a educação das crianças tem sido considerada uma questão feminina - erroneamente -, hoje a mãe deve não só trabalhar fora, como assegurar um mínimo de higiene, alimentação e conforto nos lares. De toda forma, esta tarefa deveria ser dividida igualmente, se as famílias fossem constituídas fora do esquema patriarcal de divisão de trabalho. Existe um sopro de violência que penetra em todas as esferas sociais: as escolas são um exemplo disto, a mídia, a TV, os filmes só falam de morte, sangue, drogas, polícia e bandidos. De fato, hoje, a escola e a mídia são os educadores e a permissividade é uma consequência disto.

Por outro lado, uma outra face da questão é que no Brasil há uma falta generalizada de educação das crianças para o convívio social: é permitido às crianças gritar, espernear, exigir, as famílias e a sociedade o aceitam; o convívio com crianças brasileiras é penoso, barulhento, quase incontrolável. Talvez a “nova atitude” dos pais (mãe e pai) seja a de uma permissividade, que faz crer às crianças que elas podem tudo, experimentar tudo, vencer tudo. Mas aí já estou saindo de minhas competências de análise.

IHU On-Line - As mudanças nos padrões de sexualidade são capazes de mudar a estrutura das famílias. E como fica a relação homem/mulher?

Tânia Navarro-Swain - Apenas mudanças nos padrões de sexualidade não mudam a estrutura das famílias se as representações sociais de feminino, demasculino, de hierarquia não forem transformadas igualmente. A relação homem/mulher ficou apenas um pouco mais livre. As teorias feministas apontam para uma “heterossexualidade compulsória” que obriga ou força a união entre mulheres e homens para que respondam às normas e às representações de feminino e masculino no sistema social. Ou seja, esta heterossexualidade institui os papéis sociais, de forma hierárquica, bem como as normas e comportamentos aceitáveis. É a base do patriarcado, com o controle e a apropriação social dos corpos e do trabalho das mulheres. Assim, uma vez que elas se desfaçam da obrigação incontornável de casar e ter filhos, como essência de ser-no-mundo, elas passam a decidir a respeito de seus afetos e de seus engajamentos; passam a decidir o que querem e pretendem fazer de seus corpos e suas vidas. A força das representações sociais que incute nas mulheres a compulsão à maternidade e casamento como definição do feminino é ainda forte demais para que as estruturas familiares tradicionais sejam completamente rompidas e substituídas por variáveis múltiplas. Entretanto, é cada vez maior o número de mulheres que formam famílias monoparentais. Isto é, mulheres que se recusam ou se ausentam de relações permanentes que se fundam em uma hierarquia familiar, onde o homem é depositário da autoridade. Assim, as relações passam a ter um caráter mais igualitário.

IHU On-Line - As constantes mudanças na estrutura social, principalmente dentro da família, podem influenciar atitudes de risco dos filhos, como o uso de drogas e o gosto por atividades perigosas?

Tânia Navarro-Swain - A incrível violência doméstica que se abate sobre as mulheres e crianças, e que hoje se torna cada vez mais visível - incita ao uso de drogas e à delinquência juvenil, a meu ver. A mudança mais

“O Estado, a medicina e a religião continuam a lutar por suas prerrogativas masculinas de decidir sobre os corpos das mulheres”

significativa na estrutura familiar é a maior participação das mulheres no mercado formal do trabalho e sua independência econômica cada vez mais ampla. Os homens aceitam com dificuldade esta mudança e a violência contra as mulheres tem crescido de forma exponencial. É igualmente o crescente número de mulheres que são as provedoras únicas ou principais da sobrevivência familiar. Porém, no imaginário social o masculino é preponderante, e a representação social familiar básica é a ordem do pai. Assim, nada mudou, pois nas famílias os homens continuam a manter intacta a divisão de trabalho familiar, da qual se ausentam e cultivam seu papel de autoridade e poder, cujo eixo principal é a violência. De modo que há um desdobramento desta imagem, cada vez mais negativa entre a juventude, que sofre com a violência familiar e social e a reproduz.

Os discursos sociais que alegam uma desestruturação familiar por causa da crescente presença e participação das mulheres no mercado de trabalho não são mais uma artimanha do poder para culpá-las e trazê-las de volta ao “bom caminho” da “verdadeira mulher”: esposa e mãe. Esta é mais uma tentativa de fazer retroceder as conquistas das mulheres, pois a independência econômica é essencial para a autoestima, e sua afirmação enquanto sujeitos políticos.

A necessidade de repensar a cesariana

A psicanalista Viviane Fernandes Silveira acredita que, tão perigoso quanto não questionar a cesariana, é garantir estilos de parto com antecedência, sem perceber a possibilidade de perdas incontornáveis

POR ANELISE ZANONI

Para poder se organizar e até mesmo evitar o sofrimento da hora do parto, as mulheres brasileiras são líderes mundiais em cesariana. O número chega a 90% em hospitais particulares, quando o indicado pelo Ministério da Saúde é de 15%. Discutir a prática e avaliar os riscos e consequências dessa modalidade é a proposta da psicanalista Viviane Fernandes Silveira.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line** a especialista afirma que as estatísticas apontam para um problema “que alcança a dimensão da saúde, a clínica psicanalítica e a educação”, tendo reflexos na constituição de um sujeito da aprendizagem do lado do bebê. Nessa perspectiva, o nascimento humano é viabilizado sobretudo a partir de posicionamentos subjetivos, hipóteses dos pais e entorno sobre o bebê.

“O nascimento é prova inaugural na qual a criança será empurrada a começar a simbolizar como maneira de dar conta do desamparo causado por todas as novidades com as quais passa a se deparar”, diz a psicanalista.

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Viviane Fernandes Silveira é mestre em Psicologia pela UFRGS e faz doutorado na mesma área da instituição. Atualmente trabalha em uma proposta de tese chamada: *“Como nasce o brasileiro (hoje)? Uma leitura psicanalítica do ato do nascimento à luz do fantasma da colonização no Brasil*. Confira a entrevista.

IHU On-Line _ É cada vez mais comum futuras mães negarem a possibilidade de fazer o parto normal. Quais as consequências disso para o desenvolvimento da relação mãe e bebê?

Viviane Fernandes Silveira - Se de um lado a escolha do formato do parto é algo absolutamente particular e está ligado às exigências psíquicas, heranças transgeracionais, culturais de cada mãe, pai e entorno, os índices atuais brasileiros são preocupantes e sinalizam mais que formações

sintomáticas de algumas famílias. Eles sugerem a dimensão de um problema social e efeitos em larga escala. O fato de sermos um dos líderes mundiais em cesariana, chegando a 90% em hospitais particulares, quando o indicado pelo Ministério da saúde é não passarmos de 15%, já aponta para um problema que alcança a dimensão da saúde, a clínica psicanalítica e a educação, não apenas dos profissionais envolvidos com o tema, assim como os efeitos destes posicionamentos nas possibilidades da cons-